

DA NECESSIDADE DA FESTA À NECESSIDADE DO ESPETÁCULO¹

Paola Verri de Santana*

RESUMO

A prática social-espacial do maracatu oferece justificativa suficiente para uma pesquisa na área de Geografia Urbana. Certas áreas são definidas para o turismo, assim o espetáculo econômico se realiza. Muitos jovens, habitantes do centro, encontraram na periferia um meio de escapar aos estranhamentos do cotidiano. Eles se deslocam em direção aos lugares pobres, onde outros têm o crime como meio de vida. Estes movimentos transformam os espaços periféricos e os indivíduos quando a periferia ganha centralidade. Contraditoriamente, uma nova geração parece produzir o espaço de modo a manter o sentido de festa do maracatu.

Palavras-chave: Periferia; Centralidade; Maracatu; Recife - Pernambuco - Brasil.

ABSTRACT

The social-spatial practice of Maracatu provides justification for research in this area, and particularly a greater effort to study its urban geographical aspects. Certain areas are well-defined for tourism, so that the economic spectacle may take place. Many inner-city youth have found in the periphery a way to escape from the trials of their everyday lives. They move to poor areas where others have made their living through crime. These movements change

¹ Texto elaborado em outubro de 2006 para a defesa da tese diante da banca examinadora.

* Economista pela UFPE, Doutora e Mestre em Geografia Humana pelo Depto. de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP. E-mail: psantana@usp.br ou pvsantana@yahoo.com.br.

spaces on the periphery and start changing people when the periphery gains centrality. The contradiction: a new generation seems to produce the space so as to maintain the spirit of the celebration of Maracatu.

Key words: Periphery; Centrality; Maracatu; Recife - Pernambuco - Brazil.

Henri Lefebvre, em o *Direito à Cidade*², escreve que “novos usos” tendem a ser “revitalizados” após a vida urbana ter se perdido por completo. É com esta preocupação que a tese “Maracatu: a centralidade da periferia”³ se propôs a explicar como o maracatu nação, historicamente perseguido e estigmatizado, ganha respeito e reconhecimento no Recife e fora dele. O maracatu passa a representar o lugar da festa, assim como os estranhamentos da vida moderna geram a necessidade da festa no cotidiano urbano.

O sentido de comunidade que pobres e negros parecem ter na periferia está presente no momento da festa. A alegria de viver e a sensação de liberdade parecem preservadas ali porque o cantar e o dançar resistem como elementos intrínsecos à cultura africana. Esta necessidade de gastar energia é vital, mas é o instinto animal que transparecia como incivilidade.

Pensar a cidade enquanto prática sócio-espacial foi uma hipótese possível. O espaço-tempo da festa, do uso e do encontro nas ruas é vivido através das nações de maracatu. A necessidade de viver estes espaços faz do maracatu e da periferia mediações para a realização do mito que envolve a festa. Mas, segundo Maria Isaura Queiroz⁴, o mito

² LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. O fenômeno urbano: sentido e finalidade da industrialização. O principal direito do homem. São Paulo: Documentos, 1969, p. 24.

³ A tese foi orientada pela Professora Titular Ana Fani Alessandri Carlos, e teve o apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, com a concessão da Bolsa de Formação de Pesquisador de Doutorado, com projeto de pesquisa intitulada Lugares da Cultura Popular Recifense: Turísticos ou Espoliantes?

⁴ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Carnaval brasileiro: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

da liberdade esconde intencionalidades que a concebem como espetáculo para o poder e o capital. É nesta perspectiva que o maracatu faz a mediação para a realização do espetáculo.

A crítica à vida cotidiana passa por uma análise das contradições entre o vivido, o concebido e o percebido. A prática sócio-espacial dá forma e sentido de festa aos lugares. A necessidade do centro ter a festa implica no interesse pela periferia. Acreditam estar com pobres e negros a vida que lhes parece faltar. Imaginam uma vida pouco mediada pela mercadoria. Idealizam uma periferia onde o uso exista independentemente do valor de troca.

O maracatu permaneceu nos núcleos de pobreza e descendência escrava africana sob as bases de uma estrutura urbana segregada. Mas o maracatu se transforma na parte da vida urbana recifense a ser ofertada como atrativo turístico e cultural pernambucano. Desta vez, os usos passam a ser mediados pela troca.

A cidade também se realiza como mercadoria porque tem o maracatu que torna o Recife tão “africano” quanto Salvador e Rio de Janeiro. A festa, tomada como mercadoria, vira mediação no processo de produção e reprodução do espaço. A cidade do carnaval é concebida como valor de troca. A imagem da cidade em festa entra na reprodução capitalista quando políticas públicas a promovem como atrativo turístico, cultural e, ainda, como ação social com fins eleitorais.

No entanto, a festa que se realiza enquanto mercadoria tende a se reproduzir no centro enquanto simulacro. O vivido e exibido no centro tende a se perder em meio às representações e re-significações do que seja maracatu. O mundo da mercadoria entra na vida cotidiana e a cidade induz o maracatu a entrar neste circuito. A urbanização é indutora do turismo e da indústria cultural - os festivais, a produção fonográfica - que se apropriam do maracatu como capital, produto, matéria-prima, mão-de-obra etc. O maracatu atravessa esta cadeia produtiva, mas as nações continuam subjugadas às relações sociais de produção capitalista. Na realidade, os maracatus se deixam cooptar como estratégia de sobrevivência, por isso também constituem resistência.

Os maracatus são usados na representação do espaço recifense, mas seu espaço na periferia parece excluído dos roteiros turísticos concebidos nos planos urbanísticos. O lugar da cultura popular está na periferia, mas a requalificação urbana coloca os Centros Culturais próximos aos sítios arquitetônicos, nos centros históricos. A periferia

como lugar da pobreza e violência urbana do mundo atual é evitada por quem pretende ser identificado com a riqueza, a ordem, a limpeza. Os gastos com infra-estrutura e serviços urbanos são concebidos para consumidores, por isso há tratamento diferenciado entre centro e periferia. O centro é visto como campo de oportunidades e a periferia como problema.

Contraditoriamente, as casas-sedes dos maracatus se encontram na periferia. Não obstante, a presença do maracatu está nas ruas do centro durante os desfiles de carnaval, em festivais e turnês nacionais e internacionais, sua memória permanece na periferia com os mais velhos. O saber sobre a religiosidade e sobre a história das nações de maracatu constitui riqueza que atrai turistas e jovens alternativos que buscam a dança e a musicalidade. Assim, a periferia começa a ser vivida pelos “de fora”. Turistas e residentes de bairros nobres encontram nos ensaios e preparativos das centenárias nações de maracatu um lugar para o lazer e aprendizado de percussão.

Por outro lado, o desemprego e a baixa remuneração e auto-estima na periferia fazem outros passarem a ver o maracatu como meio de profissionalização e formação de trabalho e renda. Isso compreende na necessidade da periferia ter o espetáculo. Mestres de batuque aceitam viagens pelo Brasil e Mundo para transmitir seus conhecimentos através de oficinas de dança e percussão ou mesmo para apresentação de seus maracatus centenários.

A periferia se transforma. O estigma da violência e pobreza não mais inibe os “de fora” de freqüentá-la. Ao contrário, a periferia conquista centralidade entre jovens e na mídia que capta imagens da cultura popular. Os “de fora” parecem brincar com a seita africana por ignorar o modo de vida dos “de dentro” e porque não se envolvem por completo na preparação do maracatu.

A delimitação entre os “de fora” e os “de dentro” pode se dar através do pertencimento ou não ao culto nagô, mas os aspectos que parecem perceptíveis são as diferenças de classe e cor. Por esta razão, há controvérsias quanto à participação de ricos e brancos no batuque das nações tidas tradicionais. A necessidade de diferenciar os “de dentro” dos “de fora” não implica em reforçar a segregação através do discurso, nem negligenciar possibilidades de transformação da sociedade em prol de novas formas de sociabilidade.

A tese trabalhou com a diferenciação entre quem seja “de dentro” e quem seja “de fora” das centenárias nações de maracatu. Isso porque negar que haja diferença seria negar a história da formação social brasileira, seria negar o escravismo colonial que fundamentou o maracatu nação. Negar a diferença seria negar a existência de desigualdade sócio-espacial no Recife, no Brasil e no mundo.

Manuel Correa de Andrade⁵ disse haver duas festas simultâneas nos engenhos em que viveu. A separação entre casa-grande e senzala se reproduziu. As agremiações carnavalescas também estavam organizadas conforme estrutura da sociedade, dividida por gênero, cor, corporação de ofício etc. O culto a Nossa Senhora do Rosário se organizava através das irmandades de homens pretos e homens brancos. Por isso, cidades como Recife e Ouro Preto tinham igrejas distintas em homenagem à mesma santa adorada pelos escravos que vinham da África. A regressão histórica feita no trabalho mostrou a necessidade de ir até a gênese do maracatu para encontrar seus fundamentos. Isso implicou em achar o espetáculo político contido nas festas coloniais e, em particular, na coroação dos Reis Negros. A mediação da Igreja Católica favorecia a manutenção da ordem social ao mesmo tempo permitia a apropriação, mesmo que de forma segregada, dos espaços da cidade em festa.

A tese apresentou a possibilidade de ruptura da segregação através de novas regras de sociabilidade quando mestres das nações seculares aceitam batuqueiros “de fora” entrarem na vida cotidiana de suas nações de maracatu. A tese mostrou que as antigas nações de maracatu se deixam cooptar pelo mundo da mercadoria e que mesmo espetacularizadas conseguem manter o sentido da festa.

⁵ Em entrevista feita por Rita de Cássia Barbosa de Araújo, In: O fio e a trama: depoimento de Manuel Correia de Andrade. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia (Orgs.). A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 11-74.
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. O fio e a trama: depoimento de Manuel Correia de Andrade. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002. 174 p.
- BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio D'Água; Antropos, 1991.
- BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação na sociedade contemporânea. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.
- CANCLINI, Néstor García. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano. São Paulo: Edusp, 1994, p. 199-322.
- _____. O lugar n /do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- COSTA, F. A. Pereira da. Anais pernambucanos. Recife: Arquivo Público Estadual, 1953. 10 v.
- _____. Folk-lore pernambucano: subsídios para a história da poesia popular de Pernambuco. 2ª ed. Recife: CEPE, 2004.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DI MÉO, Guy. Org. La géographie en fêtes. Paris: Ophrys, 2001.
- FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- GRANOU, André. Capitalismo e modo de vida. Porto: Afrontamento, 1976.
- GUERRA, Flávio. Velhas igrejas e subúrbios históricos. 2ª ed. Recife: Fundação Guararapes, 1970.
- GUERRA-PEIXE. Maracatus do Recife. Recife: Irmãos Vitale; Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- LEFEBVRE, Henri. De lo rural a lo urbano. Barcelona: Ediciones península, 1973.

_____. O direito à cidade. O fenômeno urbano: sentido e finalidade da industrialização. O principal direito do homem. São Paulo: Documentos, 1969. 133 p.

_____. A revolução urbana. Belo Horizonte: EDUFMG, 1999.

_____. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARTINS, José de Souza. A sociabilidade do homem simples. São Paulo: Hucitec, 2000.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Os “usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo, CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. (Orgs.). Turismo: espaço, paisagem e cultura. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 88-99.

PERNAMBUCO. Programa de Infra-Estrutura em Áreas de Baixa Renda da RMR. PROMETRÓPOLE: Reabilitação Urbana e Ambiental da Bacia do Beberibe. O Prometrópole decorre do Programa Estadual de Desenvolvimento Urbano. (PEDU/PE e do Projeto de Qualidade das Águas - PQA/PE). Recife: 2001.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Carnaval brasileiro: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. Lá vem o meu parente: as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII). São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.

REAL, Katarina. O folclore no carnaval do Recife. 2ª ed. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1990.

RECIFE. Prefeitura da Cidade. Estudo da cadeia produtiva da música na cidade do Recife. Recife: PCR, Secretaria de Cultura/Centro Josué de Castro, 2001. 64 p.

SANTANA, Paola Verri de. Maracatu: a centralidade da periferia. 2006. 366 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

